

**CRISE CLIMÁTICA  
E O GREEN NEW  
DEAL GLOBAL**

# CRISE CLIMÁTICA E O GREEN NEW DEAL GLOBAL

A economia política para salvar o planeta

Noam Chomsky  
e Robert Pollin

com C. J. Polychroniou

— Tradução Bruno Cobalchini Mattos —

roça nova   
EDITORA

# SUMÁRIO

Introdução, por C. J. Polychroniou	7
<b>1. A natureza das mudanças climáticas</b>	<b>15</b>
<b>2. Capitalismo e a crise climática</b>	<b>60</b>
<b>3. Um Green New Deal global</b>	<b>101</b>
<b>4. Mobilização política para salvar o planeta</b>	<b>173</b>
Apêndice	199
Notas de fim	203

# Introdução

Desde as origens da ordem social civilizada, a espécie humana tem se deparado com uma vasta gama de desafios severos e ameaças mortíferas, que variam de ondas de fome e desastres naturais (enchentes, terremotos, erupções vulcânicas e assim por diante) a guerras e escravidão. Na primeira metade do século XX, a humanidade passou por duas guerras mundiais e testemunhou a ascensão do maior regime genocida da história. Durante a segunda metade desse mesmo século, convivemos com a ameaça da aniquilação nuclear pairando sobre nossas cabeças como a espada de Dâmocles. No momento em que escrevo este texto, em abril de 2020, enfrentamos a pandemia global de Covid-19 e o colapso econômico que a acompanha. A esta altura, ninguém sabe quantas pessoas morrerão em decorrência da pandemia. Tampouco podemos saber a severidade da recessão que virá a seguir. Os sinais apontam para uma crise pelo menos tão severa quanto a Grande Recessão de 2007–2009, talvez comparável à Grande Depressão dos anos 1930.

No entanto, é possível argumentar com solidez que a humanidade tem, nas mudanças climáticas, sua maior crise existencial de todos os tempos. Em outras palavras, o dióxido de carbono e outros gases de efeito estufa, re-

sultantes sobretudo da queima de petróleo, carvão e gás natural para a geração de energia, estão elevando as temperaturas médias em todas as regiões do globo. Dentre as consequências do aquecimento do planeta, podemos listar a maior incidência de ondas extremas de calor, chuvas fortes, secas, elevação dos níveis dos oceanos, perda de biodiversidade, e os impactos correspondentes sobre a saúde, subsistência, segurança alimentar, disponibilidade de água e segurança humana. Ao mesmo tempo, o negacionismo climático exerce forte influência sobre boa parte da humanidade, especialmente nos Estados Unidos. Isso se deve, em parte, à incansável máquina de propaganda da indústria de combustíveis fósseis e as suas campanhas de teor obscurantista ao longo de décadas. O fenômeno também está ligado à improvável chegada de Donald Trump, o grande chefe dos negacionistas climáticos, à Casa Branca, após sua vitória nas eleições de novembro de 2016 contra a candidata Hillary Clinton. O presidente estadunidense chegou ao ponto de declarar que o aquecimento global era uma “farsa”, retirando o país do Acordo de Paris sobre o clima, assinado em 2015 por 195 países — incluindo os Estados Unidos, então sob liderança de Barack Obama.

Ainda assim, não podemos negar que as pessoas que rechaçam a realidade do aquecimento global talvez o façam pelo medo do desconhecido e da potencial redução de postos de trabalho. Justamente por isso, é fundamental que qualquer plano eficaz de combate à crise climática inclua medidas para garantir que os trabalhadores possam fazer uma transição justa para uma economia

livre de carbono. Para sermos mais específicos, qualquer versão do tão discutido projeto Green New Deal deve incluir as seguintes prioridades:

1. As reduções de emissão de gases do efeito estufa deverão atingir, no mínimo, as metas estabelecidas em 2018 pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), a saber, uma redução de 45 por cento das emissões globais até 2030 e emissão zero até 2050.

2. Investimentos para ampliar drasticamente os padrões de eficiência energética e o fornecimento de energia solar, eólica ou de outras fontes renováveis serão linha de frente na transição para uma economia verde em todas as partes do mundo.

3. A transição para uma economia verde não deverá expor os trabalhadores da indústria de combustíveis fósseis e outros grupos vulneráveis aos males do desemprego e à angústia da insegurança econômica.

4. O crescimento econômico deve seguir uma trajetória de igualdade e sustentabilidade de modo que a estabilização ande de mãos dadas com outras metas de igual importância, como a expansão de oportunidades de trabalho e a elevação em massa dos padrões de vida de trabalhadores e de populações pobres no mundo todo.

Um Green New Deal global que inclua essas quatro prioridades é, em realidade, a única solução viável disponível, se quisermos evitar as consequências catastróficas da elevação duradoura das temperaturas médias globais.

Dada a ausência de um programa coerente de Green New Deal nos moldes apresentados, todas as cúpulas internacionais do clima ocorridas até agora, incluindo a COP25, de Madri, organizada pela ONU em dezembro de 2019, fracassaram diante do desafio de colocar o mundo em uma rota viável de estabilização do clima. Mesmo a tão celebrada COP21, de 2015, ocorrida em Paris, teve como resultado principal uma nova rodada de inação ritualística. Frente a esses fracassos, a Terra já está um grau mais quente do que era no período pré-industrial, e deve atingir a marca de 1,5°C dentro de uma ou duas décadas.

As consequências catastróficas que essas mudanças climáticas trarão, se nada for feito, são analisadas em detalhe neste livro por seus dois autores, Noam Chomsky e Robert Pollin. Noam Chomsky, como bem se sabe, tem sido o principal intelectual público do mundo há mais de meio século. Ele é também o pai da linguística moderna. Seu trabalho nesse campo teve imensa influência em diversas outras áreas do conhecimento, como a matemática, a filosofia, a psicologia e a ciência da computação. Robert Pollin, por sua vez, é economista progressista de renome internacional que há mais de uma década atua como líder na luta em defesa de uma economia verde e igualitária. Pollin é autor de inúmeras publicações importantes, além de responsável por estudos comissionados para a implementação de programas de Green New Deal em vários países do mundo e em muitos estados dos Estados Unidos. O economista também foi consultor do Departamento de Energia estadunidense para a execução de iniciativas verdes no contexto do American

Recovery and Reinvestment Act [Ato de Recuperação e de Reinvestimento Estadunidense] de 2009, o programa de estímulo econômico de Obama que incluiu investimentos de 90 bilhões de dólares em energia renovável e eficiência energética.

O programa de um Green New Deal global que Pollin delinea neste volume conta com forte apoio de Chomsky. Pollin demonstra como, pensando apenas em termos de empecilhos técnicos e econômicos a serem superados, é possível atender prontamente aos quatro critérios listados anteriormente. Além de todos os desafios mencionados, será preciso lidar com o maior de todos os obstáculos para o sucesso do projeto: articular a vontade política necessária para derrotar os gigantescos interesses e recursos da indústria global de combustíveis fósseis.

Este livro é apresentado em quatro capítulos. O capítulo 1, intitulado “A natureza das mudanças climáticas”, começa por situar o desafio que é o aquecimento global em relação às demais crises enfrentadas pela humanidade no passado. Em seguida, os autores oferecem, em detalhes, críticas a respeito de um conjunto de questões centrais, como o porquê de as propostas de enfrentamento da crise climática orientadas em torno dos mercados estarem fadadas ao fracasso, e o porquê de as alternativas à agroindústria serem de imensa importância se quisermos encontrar um caminho viável de estabilização do clima. O capítulo 2, “Capitalismo e a crise climática”, apresenta discussões teóricas e empíricas bastante claras a respeito das conexões entre capitalismo, destruição ambiental e crise climática. A seção também oferece *insights*

valiosos para discutirmos se é possível conciliar a vampiresca fome de lucro dos capitalistas com a necessidade de equilibrar o clima, além de investigar os motivos de, até o momento, a ação política ter falhado na hora de mostrar avanços significativos no combate à crise.

O capítulo 3, “Um Green New Deal global”, dedica-se à descrição do programa necessário a uma transição bem-sucedida para uma economia verde. Pollin expõe, em traços gerais, o que um Green New Deal deve incluir em seu escopo e como ele pode ser financiado; descreve como podemos fazer desse programa um baluarte contra o aumento contínuo da desigualdade que tem caracterizado os quarenta anos de neoliberalismo no mundo todo, e ainda oferece uma análise crítica do plano que a própria União Europeia batizou de “Green Deal europeu”. Na sequência, Chomsky encerra o capítulo examinando um cenário dantesco em que se prevê que milhões de pessoas do sul global tentarão migrar para os países de alta renda do norte, como resultado da intensificação dos efeitos catastróficos do aquecimento global nessa porção do globo. Por fim, o quarto e último capítulo, intitulado “Mobilização política para salvar o planeta”, discute, entre outras questões, as maneiras como a crise climática pode alterar o equilíbrio de poder global, o potencial do ecossocialismo enquanto visão político-ideológica de reunir pessoas em torno de um esforço comum, o de criar um futuro verde, e as conexões entre as mudanças climáticas e a pandemia de Covid-19, que acomete o mundo no ano de 2020. A questão principal, que permeia todo o último capítulo, é também a mais essencial: o que é preciso

fazer para gerar uma mobilização política em prol de um Green New Deal global?

A meu ver, este pequeno livro, que o leitor agora tem em mãos, é de extrema importância. Ele deve estimular reflexões em indivíduos de todas as esferas: acadêmicos, ativistas ou leigos. Obviamente, ele é uma modesta contribuição para um diálogo público que deve crescer até alcançar todos os âmbitos da sociedade em todas as regiões do planeta. Levar esse diálogo adiante, nem que seja somente um pouco, é o mínimo que devemos fazer pelas próximas gerações. Com isso em mente, dedico meu mais sincero agradecimento a Noam Chomsky e a Robert Pollin por me permitirem viajar com eles nessa jornada, ajudando a informar o público sobre o que podemos fazer para salvar o planeta.

**C. J. Polychroniou**

**Abril de 2020**

# 1.

## A natureza das mudanças climáticas

*Ao longo das últimas décadas, o desafio das mudanças climáticas se impôs, possivelmente, como a maior crise existencial já enfrentada pela humanidade, mas, ao mesmo tempo, como a questão pública de mais difícil resolução para os governos do mundo todo. Noam, em vista do que sabemos até agora sobre a ciência das mudanças climáticas, como você resumiria esta crise em relação às demais adversidades que a humanidade enfrentou no passado?*<sup>1</sup>

**Noam Chomsky:** Não podemos negligenciar o fato de que hoje, nós, humanos, enfrentamos problemas extraordinários e radicalmente distintos de qualquer outro surgido antes em nossa história. Precisamos encontrar uma maneira de responder se a sociedade humana organizada poderá sobreviver em alguma forma reconhecível e não podemos mais postergar essa resposta.

As tarefas que temos pela frente são, de fato, novas e árduas. A história fornece um rico registro de guerras horrendas, torturas indescritíveis, massacres e todas as violações imagináveis de direitos fundamentais. No entanto, essa ameaça de destruição de qualquer forma tolerável ou reconhecível de vida humana organizada é algo totalmente inédito. Só será possível superá-la por meio de um esforço comum, com engajamento do mundo inteiro, muito embora, é óbvio, as responsabilidades sejam proporcionais às capacidades, e, a partir dos mais básicos preceitos morais, uma responsabilidade maior deva recair sobre os grandes causadores das crises ao longo dos séculos, aqueles que criaram em seu processo de enriquecimento um destino sombrio para a humanidade.

Essas questões foram colocadas em cena de forma escancarada em 6 de agosto de 1945. Embora a bomba de Hiroshima, apesar de suas horríveis consequências, não tenha ameaçado por si só a sobrevivência humana, ali ficou claro que o gênio havia saído da garrafa e que os desenvolvimentos tecnológicos logo trariam essa ameaça — como também aconteceu em 1953, com a explosão das primeiras armas termonucleares. Isso levou a organização do *Bulletin of the Atomic Scientists* a ajustar seu Relógio do Juízo Final,<sup>2</sup> como é conhecido, em dois minutos para a meia-noite (horário que representa a destruição global), indicador pavoroso ao qual retornaria após o primeiro ano de Trump no governo, quando o *Bulletin* descreveu o período seguinte como “o novo anormal”.<sup>3</sup> Descrição precipitada. Em janeiro de 2020, em grande parte graças à liderança de Trump, o relógio foi reajustado para

o ponto mais próximo da meia-noite até hoje: cem segundos. Trocamos os minutos por segundos. Não entrarei nos detalhes deste recorde nefasto, mas quem fizer isso perceberá que é quase um milagre termos sobrevivido até aqui, e que agora a corrida rumo à autodestruição se acelera.

Houve esforços para evitar o pior, com algum grau de sucesso. Merecem destaque quatro grandes tratados de controle armamentista: o Tratado sobre Mísseis Antibalísticos (ABM), o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF) — nas siglas em inglês —, o Open Skies e o New START. A segunda gestão Bush se retirou do tratado ABM em 2002. A gestão Trump se retirou do tratado INF em agosto de 2019, quase exatamente no aniversário da bomba de Hiroshima, e sinalizou que não manterá os Estados Unidos nos tratados Open Skies ou New START.<sup>4</sup> Com isso, não restará mais nenhum obstáculo entre nós e uma guerra terminal.

A “lógica” geral (se é que podemos usar esse termo para tratar da mais completa insanidade) é ilustrada pela saída dos Estados Unidos do INF, postura logo replicada pela Rússia, como era previsível. Esse grande tratado foi negociado por Reagan e Gorbachev em 1987, reduzindo em grande escala o risco de uma guerra na Europa — algo que provavelmente desaguaria em um conflito global e, portanto, terminal. Os Estados Unidos alegam que a Rússia tem violado os termos do acordo, como a mídia reporta com frequência — deixando, contudo, de acrescentar que a Rússia também acusa, de sua parte, o país de descumprir o tratado, alegação levada a sério o bastante pelos cientistas estadunidenses para que o *Bulletin of the*

Atomic Scientists, do alto de sua autoridade, publicasse um artigo detalhado expondo a questão.<sup>5</sup>

Em um mundo são, os dois lados recorreriam à diplomacia e convocariam especialistas independentes para avaliar as alegações, e teriam então chegado a um acordo, como fizeram Reagan e Gorbachev anos antes. Em um mundo insano, o tratado seria revogado e os dois lados se dedicariam alegremente ao desenvolvimento de novas armas ainda mais perigosas e desestabilizadoras, como mísseis hipersônicos, contra as quais ainda não existe nenhuma forma imaginável de defesa (se é que podem vir a existir defesas contra qualquer um desses grandes sistemas de armas, o que é bastante dúbio).

Este último é o nosso mundo.

Assim como o INF, o tratado Open Skies foi uma iniciativa do Partido Republicano estadunidense. A ideia foi proposta pelo presidente Eisenhower e implementada pelo presidente George H. W. Bush (Bush I) — era o Partido Republicano da era pré-Gingrich, ou seja, uma organização política ainda saudável. Dois respeitados analistas políticos do instituto American Enterprise, Thomas Mann e Norman Ornstein, descrevem o Partido Republicano após a chegada de Newt Gingrich ao comando nos anos 1990 não como um partido político normal, mas como uma “insurgência radical” que abandonou amplamente a política parlamentar.<sup>6</sup> Sob a liderança de Mitch McConnell, isso se tornou ainda mais evidente — mas ele não está nem um pouco sozinho nos círculos internos do partido.

A revogação do tratado INF despertou pouca reação fora dos círculos de controle armamentista. Mas nem to-

dos fazem vista grossa. A indústria militar mal consegue dissimular seu deleite com os novos e polpudos contratos para o desenvolvimento de formas de destruir tudo o que existe, e os mais visionários também vêm elaborando planos de mais longo prazo para obter contratos generosos para a criação de possíveis (embora improváveis) meios de defesa contra essas monstruosidades que agora podem ser produzidas livremente. A gestão Trump não perdeu tempo para escancarar a revogação do tratado. Em questão de poucas semanas, o Pentágono anunciou de maneira sucinta o sucesso do lançamento de um míssil de alcance intermediário que violava o tratado INF, praticamente convidando outros a fazerem o mesmo, mesmo com todas as consequências óbvias.<sup>7</sup>

O ex-secretário da Defesa William Perry, que dedicou boa parte de sua trajetória a questões nucleares e é pouco afeito a exageros retóricos, declarou algum tempo atrás que estava não só “aterrorizado”, mas “duplamente aterrorizado” com a crescente ameaça de guerra e a pouca atenção dispensada ao fato. Na verdade, deveríamos estar triplamente aterrorizados, acrescentando a essa equação o fato de que a corrida pela aniquilação final vem sendo executada por pessoas com plena ciência das terríveis consequências de seus atos. Muito disso também vale para os esforços obstinados desses mesmos indivíduos em prol da destruição do meio ambiente que torna a nossa vida viável.

Estamos falando de uma rede extensa. Não são apenas os legisladores, em meio aos quais a gestão Trump é especialmente perigosa e repugnante. Os grandes bancos

também fazem parte disso ao despejarem dinheiro aos montes na extração de combustíveis fósseis, assim como os editores dos melhores jornais, que publicam o tempo todo artigos sobre as magníficas novidades tecnológicas que alavancaram os Estados Unidos à liderança na produção das substâncias que levarão à nossa destruição, a não ser que haja uma redução radical de seu uso (nesses mesmos artigos, a terrível palavra “clima” jamais é mencionada).

Os cientistas que investigam inteligência extraterrestre ficam abismados com o paradoxo de Fermi: onde eles estão? Os astrofísicos sugerem que deve haver vida inteligente em algum outro lugar. Talvez eles tenham mesmo razão e existam formas inteligentes de vida, que, quando descobrem os estranhos habitantes de nosso planeta, têm o bom senso de se manter bem longe.

Mas vamos nos ater à segunda maior ameaça à nossa sobrevivência: a catástrofe ambiental.

Ninguém compreendeu na época, mas o período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial foi um ponto de inflexão para uma segunda ameaça à nossa sobrevivência. Os geólogos costumam apontar o período logo após a Segunda Guerra como o início do Antropoceno, uma nova era geológica na qual a atividade humana exerce um impacto profundo e devastador sobre o meio ambiente. Essa demarcação temporal foi confirmada recentemente, em maio de 2019, pelo Grupo de Trabalho sobre o Antropoceno.<sup>8</sup> Agora temos evidências esmagadoras da severidade e da iminência dessa ameaça, e até mesmo os mais ferrenhos negacionistas têm admitido isso, como veremos a seguir.

Qual é a relação entre essas duas crises existenciais? O cientista climático australiano Andrew Glikson oferece uma resposta simples:

Os cientistas do clima já não são os únicos que precisam lidar com a emergência global, cujas implicações chegaram às instituições de defesa, mas, mesmo assim, o mundo continua gastando quase 1,8 trilhão de dólares ao ano com a indústria bélica, recursos que precisam ser redirecionados para a proteção da vida na Terra. Conforme as perspectivas de grandes conflitos no Mar da China, na Ucrânia e no Oriente Médio forem se tornando mais fortes, quem defenderá a Terra?<sup>9</sup>

Boa pergunta.

Não há dúvida de que os cientistas climáticos estão prestando muita atenção a essa pergunta e emitindo alertas francos e explícitos à população. Raymond Pierrehumbert, professor de física em Oxford e principal autor do aterrorizante relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) de 2018 (já suplantado de lá para cá por alertas ainda mais urgentes), começa sua análise das circunstâncias e opções existentes pelo seguinte: “Vamos colocar tudo na mesa já de saída, sem meias palavras. No que diz respeito à crise climática, sim, chegou a hora de entrarmos em pânico. [...] Estamos numa encrenca”. Na sequência, ele expõe todos os detalhes com cuidado e escrupulo, analisando possíveis soluções técnicas e seus graves problemas, para chegar à conclusão de que “não existe plano B”.<sup>10</sup> Precisamos mi-

grar para um sistema que zere as emissões líquidas de carbono, e depressa.

As grandes preocupações dos cientistas do clima estão bastante acessíveis a todos os que não escolhem enfiar a cabeça em um buraco. A CNN celebrou o jantar de Ação de Graças de 2019 com um relatório detalhado (e preciso) sobre um importante estudo recém-publicado pela revista *Nature* a respeito dos pontos de virada — momentos a partir dos quais os efeitos nefastos do aquecimento global se tornarão irreversíveis. Os autores concluem que o estudo dos pontos de virada e da interação entre eles revela que “enfrentamos uma emergência climática e reforçamos o coro que pede este ano por ações climáticas urgentes. [...] É uma situação de graves riscos e grande urgência [...] A estabilidade e a resiliência de nosso planeta correm perigo. Ações internacionais — e não meras palavras — devem refletir isso”.<sup>11</sup>

Os autores ainda alertam que

os níveis de CO<sub>2</sub> na atmosfera já equivalem àqueles observados pela última vez há cerca de quatro milhões de anos, na era do Plioceno. Estamos rumando rapidamente para níveis vistos pela última vez há cerca de cinquenta milhões de anos, no Eoceno, quando as temperaturas eram até 14°C mais elevadas do que no período pré-industrial.

E o processo que naquela época se desenrolou durante um longo espaço de tempo está sendo comprimido pela ação humana em uns poucos anos. Eles também ex-

plicam que os prognósticos existentes, embora bastante desalentadores, não levam em conta os efeitos dos pontos de virada. Eles concluem que

o tempo disponível para intervirmos e evitarmos essa virada já pode ter se esgotado, e o tempo de reação para zerarmos as emissões é de, no máximo, trinta anos. Por isso, talvez não tenhamos mais a capacidade de evitar a virada. Nossa sorte é que talvez ainda seja possível controlar *em alguma medida* o ritmo do acúmulo de danos após essa virada — e, portanto, os seus riscos.

*Em alguma medida*, e não temos tempo a perder.

Neste meio-tempo, o mundo fica assistindo enquanto seguimos em direção a uma catástrofe de proporções inimagináveis. Estamos nos aproximando perigosamente das temperaturas globais de 120 mil anos atrás, quando o nível dos oceanos era entre seis e nove metros mais alto do que hoje.<sup>12</sup> Uma perspectiva de fato inimaginável, mesmo descontando-se os efeitos de tempestades mais frequentes e violentas, que darão o toque final aos destroços restantes.

Um dos muitos acontecimentos de mau agouro que podem nos aproximar do clima de 120 mil anos atrás é o derretimento da vasta cobertura de gelo da Antártida Ocidental. As geleiras estão derretendo a um ritmo cinco vezes mais rápido que nos anos 1990, e o gelo perdeu mais de cem metros de espessura em algumas áreas como consequência do aquecimento dos oceanos. Essa perda dobra a cada década. O derretimento total da camada de gelo

da Antártida Ocidental elevaria o nível do mar em cerca de cinco metros, cobrindo cidades litorâneas e levando efeitos devastadores para outros locais, como as planícies de baixa altitude de Bangladesh.<sup>13</sup> Essa é apenas uma das muitas preocupações daqueles que prestam atenção no que vem acontecendo bem diante de nossos olhos.

Alertas urgentes de cientistas do clima são abundantes. O climatologista israelense Baruch Rinkevich resume de maneira sucinta o sentimento geral:

“Depois de nós, o dilúvio”, como diz o ditado. As pessoas não entendem plenamente do que estamos falando [...]. Elas não entendem que está previsto que tudo mude: o ar que respiramos, a comida que comemos, a água que bebemos, as paisagens que vemos, os oceanos, as estações, a rotina diária, a qualidade de vida. Nossos filhos terão que se adaptar para não serem extintos [...]. Não é para mim. Estou feliz pelo fato de que não estarei aqui.<sup>14</sup>

Rinkevich e seus colegas israelenses discutem vários “cenários de horror” factíveis para Israel, mas alguns estão otimistas. Um deles observa que “Israel definitivamente não é as Maldivas, e não esperamos que seja engolido pela água tão cedo”. Boa notícia. No entanto, em geral, eles concordam que a região pode se tornar quase inabitável: “Talvez algumas cidades no Irã, no Iraque e em países em desenvolvimento sejam abandonadas, mas em nosso país será possível viver”. E embora as temperaturas no Mediterrâneo possam se aproximar dos 40°C, “a temperatura máxima permitida em uma jacuzzi”, os humanos

“não serão cozidos vivos como ocorrerá com ouriços-do-mar e certas espécies de moluscos, embora possa haver risco de morte durante o ápice da temporada de banho”.

Há, portanto, esperanças para Israel nos cenários mais otimistas, embora não para a região. O professor Alon Tal vai ao cerne da questão:

Nós estamos agravando as condições do planeta. O Estado judeu olhou nos olhos do maior desafio da história da humanidade e disse: “Deixa para lá”. O que diremos às nossas crianças? Que queríamos mais qualidade de vida? Que precisávamos remover todo o gás natural do mar porque ele gerava muito lucro econômico? Essas explicações são patéticas. Estamos falando da questão mais relevante de todas, sobretudo na Bacia Mediterrânea, e o governo de Israel não é capaz de designar um ministro que se preocupe com o fato de que seremos simplesmente cozidos vivos.<sup>15</sup>

O comentário de Tal é correto e muito perturbador. O que torna os humanos capazes de aceitar “explicações patéticas” ou simplesmente dizer “deixa para lá” quando olha “nos olhos do maior desafio da história da humanidade”? A reação é sempre essa, seja ela diante de uma catástrofe ambiental iminente e gradativa ou da oportunidade de criar novos meios para destruir todos nós de uma só vez. O que leva os humanos a destinar 1,8 trilhão de dólares para gastos militares (os Estados Unidos lideram com sobra esse *ranking*) sem parar para se perguntar “Quem vai defender a Terra?”.